

▼ CULTURA INDÍGENA

Kiki precisa de verba para ser realizado este ano

A cerimônia dos kaingangue tem a finalidade de homenagear mortos e pedir proteção dos espíritos

A maioria das manifestações culturais dos índios foi esquecida ou substituída em decorrência da colonização, do contato com o homem branco e da exploração da madeira. Um dos poucos rituais que se mantêm vivos, o Kiki, precisa de recursos financeiros para ser realizado neste ano. A cerimônia, uma homenagem aos mortos e para pedir a proteção dos espíritos, é realizada entre os kaingangue do posto Xapecó - municípios de Ipuacu e Marema. Para conseguir doações de empresas, órgãos governamentais e entidades, o líder espiritual e comunitário, Vicente Fokâe Fernandes, um dos principais defensores da cultura de seu povo, está em Florianópolis.

Segundo Fernandes, o mais importante na realização desse evento indígena é que ele serve para dar continuidade à cultura com a formação de novos rezadores. Estes conduzem e cerimônia, mas precisam de um tempo de preparação. Atualmente existem quatro jovens que aprendem as rezas e todos os procedimentos do ritual.

O líder espiritual ressalta que dos mais de 27 postos kaingangue existentes nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, apenas o de Xapecó realiza o ritual com a participação de índios de Palmas (PR). Mas o melhor é que integrantes de outros postos estão querendo aprender o ato religioso, observa o líder. Professores indígenas também estão fazendo cursos para introduzir a cultura nas salas de aula.

Fernandes explica que precisa de ajuda porque a aldeia vive da cultura de subsistência e para realizar o ritual são necessários mel, açúcar, caldo-de-cana e outros alimentos como arroz e frango. Este ano, o Kiki está marcado para o dia 20 de março e a cerimônia é preparada com dois meses de antecedência. Palmas também realizará seu ritual neste ano.

Os kaingangue são divididos - de acordo com os nomes das famílias - em duas alas, a Kame e a Kairu. O Kiki começa com um fogo aceso para cada uma das divisões que é mantido durante uma noite e dá início a escolha de um pinheiro. No segundo dia, são feitos dois fogos para cada uma das alas e, no dia seguinte, cortam o

Luta pela tradição



ROBERTO SCOLA/DC/Florianópolis

Líder espiritual, Vicente Fokâe Fernandes, tenta conseguir ajuda na Capital

pinheiro e fazem do tronco um cocho com cinco metros e meio. Dentro dele, preparam a bebida para o dia do ritual com caldo-de-cana, mel e açúcar.

A mistura é fermentada por um período de até 60 dias. Fernandes explica que os ingredientes, junto à água da madeira do pinheiro, se transformam numa espécie de licor. Depois disso, são acesos mais três fogos para os Kame e três para os Kairu. Eles passam a noite toda rezando, cantando e dançando e são conduzidos por oito rezadores. Os Kame oram para os mortos e para que os espíritos protejam os

vivos dos Kairu e vice-versa.

Durante a noite, fazem ainda a pintura de todos os participantes. Cada uma das divisões e dentro delas as subdivisões recebem marcas e desenhos específicos. De manhã, tomam um mingau feito com caldo de galinha. Antigamente era feito com animais de caça. Depois seguem com cruzeiros até o cemitério. As duas alas se misturam, dançam ao redor do fogo e bebem o licor. O ritual se encerra quando os índios são separados novamente de acordo com suas alas, apagam o fogo e viram o cocho.

vivos dos Kairu e vice-versa.

Durante a noite, fazem ainda a pintura de todos os participantes. Cada uma das divisões e dentro delas as subdivisões recebem marcas e desenhos específicos. De manhã, tomam um mingau feito com caldo de galinha. Antigamente era feito com animais de caça. Depois seguem com cruzeiros até o cemitério. As duas alas se misturam, dançam ao redor do fogo e bebem o licor. O ritual se encerra quando os índios são separados novamente de acordo com suas alas, apagam o fogo e viram o cocho.